

ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “O ACRE EXISTE”: AYAHUASCA COMO ELEMENTO DE REPRESENTAÇÃO DO ESTADO¹

Leandra Beatriz Haerdrich Cunha²

RESUMO

Este artigo pretende analisar o documentário “O Acre Existe”, como um produto cinematográfico que difunde a representação religiosa do estado do Acre, estereotipando a localidade, a partir do enfoque dado à utilização ritualística do chá da Ayahuasca³. Assim, usaremos os conceitos de representação social, abordados pelos autores, Joliane Olschowsky (2007), Pedrinho Guareschi (2000), Rafael Augustus Sêga (2000), Denise Jodelet (2002) e Serge Moscovici (2003) para a compreensão de como o documentário também pode difundir representações sociais conceituaremos esse gênero de cinema, com base nos autores Sérgio Puccini Soares (2011) e Henrique Codato (2010). Para aprofundar os conhecimentos sobre a relação das representações com a linguagem dos estereótipos, o presente artigo também será fundamentado no autor Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2012). E para esclarecimento de alguns termos específicos da Ayahuasca também foram consultados os autores Beatriz Caiuby Labate e Wladimir Sena Araújo (2002).

Palavras-chaves: Representação Social; Estereótipo; Ayahuasca; “O Acre Existe”

ABSTRACT

In this paper we aim to analyze the documentary "O Acre Existe" as a cinematic product that diffuses the religious representation of the state of Acre, stereotyping the locality, from the focus given to the ritualistic use of Ayahuasca tea. In order to do that, we will use the concepts of social representation, addressed by the authors, Joliane Olschowsky (2007), Pedrinho Guareschi (2000), Rafael Augustus Sêga (2000), Denise Jodelet (2002) e Serge Moscovici (2003). And for comprehension how the documentary can also to diffuse social representations we will conceptualize this genre film, based on authors Sérgio Puccini Soares (2011) and Henrique Codato (2010). To deepen the knowledge about the relation of the representations in the language of stereotypes, this article will also be based on the author, Durval Muniz de Albuquerque Junior (2012). And to clarify some specific terms of Ayahuasca was also consulted the authors Beatriz Caiuby Labate and Wladimir Sena Araújo (2002).

Key- words: Social Representation; Stereotype; Ayahuasca; “O Acre Existe”

Apresentação

¹ Trabalho apresentado à disciplina de Formação Econômica Social Política da Amazônia, ministrada pela Profª Francielle Maria Modesto Mendes, cursada no 6º período.

² Estudante do 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC)

³ Bebida psicotrópica ingerida ritualmente por populações indígenas da América do Sul e também utilizada em algumas religiões de populações não indígenas no Brasil, isto é, a União do Vegetal, o Santo Daime e a Barquinha, ver também LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. 2002, p. 15, 16.

O objetivo deste trabalho é verificar a representação religiosa no estado do Acre, exibida no documentário filmico, “O Acre Existe”. Sabendo que se trata de um documentário, apontaremos a ligação do gênero com a difusão de representações sociais, um fenômeno portador de estereótipos que simbolizam a realidade de um grupo social. A tessitura da narrativa do filme, elaborada pela linguagem do cinema/documentário, constrói uma representação do costume religioso do Acre, que se manifesta principalmente nas imagens de algumas sequências de cenas exibidas e na seleção de oito entrevistados.

Nessa perspectiva, será analisado o destaque dado à utilização religiosa do chá da Ayahuasca, que por meio do poder disseminador da linguagem cinematográfica difunde um estereótipo relacionando o estado como lugar de utilização do chá. Também discorreremos sobre o conceito de documentário que embora transmita a falsa impressão de ser o registro mais próximo da realidade, também apresenta a intervenção do documentarista, assim como ocorre no cinema ficcional.

Portanto, a partir da ênfase no Daime⁴, “O Acre Existe” representa um Acre Ayahuasqueiro⁵, um estado que parece ser fonte de utilização do chá, um espaço geográfico em que pessoas de outros lugares e acreanos são apresentados com uma condição em comum, o consumo religioso da bebida.

No jogo das representações sociais

As representações sociais (RS) atuam como “imagens mentais que utilizamos para fazer o mundo ter sentido, para interagir com os outros e efetivar a comunicação” (OLSCHOWSKY, 2007, p. 42). Agindo no campo mental as RS são tanto individuais, como coletivas, e de acordo com Pedrinho Guareschi (2000) elas são elementos que configuram a “realidade” de alguém ou de um grupo, se incorporando pelo campo social.

Uma representação social, como definida e entendida por essa teoria é, ao mesmo tempo, individual, pois ela necessita ancorar-se em um sujeito, como é, do-mesmo modo, social, pois existe "na mente e na mídia", como diria MOSCOVICI. Ela está na cabeça das pessoas, mas não é a representação de uma única pessoa; para ser social ela necessita "perpassar" pela sociedade, existir a certo nível de generalização. (GUARESCHI, 2000, p.36)

⁴ O chá da Ayahuasca também é conhecido como Daime

⁵ O estado do Acre adjetivado pelo uso ritualístico do Chá da Ayahuasca

Para Sandra Jatahy Pesavento (2008), as representações devem ser observadas, principalmente, a partir das significações que carregam. Pesavento afirma que elas portam o simbólico, “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”. (PESAVENTO, 2008, p.41)

Para Sêga (2000), as representações sociais manifestam-se a partir de diversos meios, elas dependem da contextualização, comunicação, e significações pertencentes a um grupo. Marcadas por ser resultado de uma visão prática, as RS conduzem os olhares, a respeito do grupo representado, manipulando os traços da realidade e apresentando estereótipos pois:

O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam grupos e pessoa, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. Em outras palavras, a representação social é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forja as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade. (SÊGA, 2000, p.128)

Representar não é dizer verdades, mas apresentar uma perspectiva que não corresponde ao todo privilegiando só uma parte. De acordo com Olschowsky (2007) é “Através das Representações Sociais, que o imaginário é reforçado como conteúdo compartilhado que tende a perpetuar imagens criadas e legitimadas por uma estrutura ideológica específica”. (OLSCHOWSKY, 2007, p. 16)

As representações sociais não se disseminam de forma solitária, pois estão materializadas em várias formas de produção. O filme, por exemplo, atua como grande potência na veiculação destas representações na medida em que “(..)procuram ocupar um espaço específico, e podem ser compreendidas como um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se vê nas mentes das pessoas e na mídia (...)”. (GUARESCHI, 2000, p.38)

No cunho das representações, “O Acre Existe” é uma produção fílmica que caracteriza o estado a partir do enfoque dado ao uso religioso do chá da Ayahuasca. Entrevistados como, Cícero, Zé Kleuber, o indígena Paulo, Davi, Neguinho, Tiago

Tosh, Seu Jorge e Pelé, aparecem relatando as experiências espirituais relacionadas exclusivamente com o consumo da bebida.

Quando se fala de alguém, ou como no caso, dos costumes religiosos dos habitantes de determinada região, se ganha a responsabilidade de disseminar uma representatividade e propagar representações sociais do local. Para Jodelet (2002), as representações sociais fabricam um sistema, e quando são compartilhadas pelos membros de um grupo possibilitam o aparecimento de uma perspectiva da realidade, em que a maioria dos indivíduos convencionam-se a acreditar.

Nesse viés, o cinema funciona como o compartilhamento das representações sociais conhecidas na sociedade e estas representações “têm influência na edificação das condutas: opinião, atitude, estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação mediática”. (JODELET, 2002, p.12) E, é a partir do mecanismo de propagação da comunicação que as representações se consolidam e perduram estereótipos.

Difusão das representações no cinema/documentário

O documentário, enquanto produto cinematográfico, assim como o cinema ficcional, também constitui uma representação da realidade, que é apresentada do outro lado da tela, a partir de imagens que foram selecionadas através do ponto de vista do documentarista. A seleção das imagens faz parte do processo técnico, em que através da edição é apresentada aos telespectadores uma perspectiva a respeito de determinados acontecimentos, histórias e culturas relatadas.

Esse equívoco na concepção do processo de construção do filme documentário, sustentado pela falsa idéia de que o gênero exige menos preparação ou menos da intervenção criativa do cineasta, vem sendo constantemente refutado por documentaristas e teóricos verdadeiramente envolvidos com a prática. Documentário é também resultado de um processo criativo do cineasta marcado por várias etapas de seleção, comandadas por escolhas subjetivas desse realizador. Essas escolhas orientam uma série de recortes, entre concepção da idéia e a edição final do filme, que marcam a apropriação do real por um discurso. (PUCCINI, 2009, P.176, 177)

O processo técnico de seleção implica em um direcionamento do olhar que constrói um discurso a ser disseminado por meio do produto cinematográfico. Sendo

assim, deve haver uma sequência, uma estrutura narrativa que somente na montagem poderá ser desenvolvida.

De posse de todo o material captado, será apenas na sala de montagem que o diretor, assessorado por seu montador, terá total controle do universo de representação do filme. O percurso é marcado pela perspectiva daquilo que está por vir, a captura de um real que gradualmente vai sendo moldado até se transformar em filme. Estamos falando da construção de um discurso sedimentado em ocorrências do real. Se existe um discurso, o filme, quer seja ele narrativo ou não, existirá sempre alguém que o profere, um sujeito da enunciação. (SOARES, 2007, p. 21)

Esse processo que configura a representação no documentário é responsável por agregar ao filme um sentido, ordenar um discurso, por meio da estruturação do material produzido. Pois esse

(...) é o momento em que a articulação das seqüências do filme, entre entrevistas, depoimentos, tomadas em locação, imagens de arquivo, entre outras imagens colocadas à disposição do repertório expressivo do documentarista, em consonância com o som, trará o sentido do filme”. (SOARES, 2007, p.23)

A produção de um documentário implica no processo de montagem que organiza uma mensagem a ser repassada. Nesse sentido, acontece “o procedimento pelo qual a ditadura do corte e do fragmento impõe a aceleração do olhar em detrimento da experiência da duração e da continuidade”. (COMOLLI, 2008 apud CODATO, 2010, p. 49). Para Henrique Codato (2010):

Uma nova dinâmica, tanto social quanto artística se estabelece, fazendo com que o cinema seja pensado não apenas como uma máquina de registrar imagens do cotidiano, mas como elemento ordenador de um discurso que, muito mais do que mostrar imagens em movimento, serve também para organizá-las, inaugurando uma forma de discurso próprio, servindo também aos interesses do pensamento científico. (CODATO, 2010, p.49)

Os quatro documentaristas do filme, a partir da representação religiosa do Acre, dão sentido a existência do estado focalizando a maneira estereotipada do consumo do chá da Ayahuasca. A manipulação das cenas que se relacionam com os efeitos da Ayahuasca e a escolha de oito ayahuasqueiros para dedicar boa parte do filme em relatos e cânticos referentes ao consumo da bebida constroem essa narrativa de representação.

O poder de difusão de representação da imagem cinematográfica

Na medida em que as representações sociais se disseminam no cinema por meio do poder de difusão das imagens, conjecturamos uma dinâmica em que uma se relaciona com a outra. Assim, podemos prever que a “noção de representação se estabelece como potência maior da imagem cinematográfica, revelando os mecanismos que se encontram por trás da impressão da realidade, da inscrição verdadeira (...)”. (CODATO, 2010, p.55)

Cenas e cenários

Levando em conta o poder das imagens na formação de um discurso cinematográfico, ao analisar a construção imagética de “O Acre Existe”, pode-se perceber que o filme contém cenas que conotam misticismo a partir do uso do Chá da Ayahuasca. Logo nos primeiros dez minutos do documentário, imagens da floresta, pessoas e rios são apresentadas sob a perspectiva da miração⁶. (O ACRE EXISTE, 2013).

Essas imagens técnicas, enquanto mecanismos de comunicação, atuam como meios de transmissão de mensagens. Através da exibição, em “O Acre Existe”, as imagens geram representações sociais que dirigem o olhar de quem as recebe, em um processo de sedução que concebe a realidade desejada pelo outro:

Analogicamente, a imagem cinematográfica pode ser entendida como a expressão do desejo do outro, pois ela é a apreensão do olhar alheio. Melhor dizendo, ela é a representação de seu desejo, que uma vez reproduzida na tela de uma sala escura, se transforma em objeto que se pode simbolicamente possuir. Assim, a principal função da imagem é seduzir o olhar a fim de buscar, na representação, sentido e significação. (CODATO, 2010, p.55)

Percebe-se, então, dentro do universo midiático, que as imagens cinematográficas também têm a função de organizar ideias, pois a finalidade das imagens na construção das ideias é fundamental, porque como apontou Moscovici, “(...) a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2003 apud

⁶ A Miração é uma visão espiritual atingida em estado de consciência expandida durante a utilização ritualística do chá da Ayahuasca, ver também em LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. 2002, p. 250.

OLSCHOWSKY, 2007, p. 43), sendo assim se torna inviável conceber uma ideia sobre algo, sem que uma imagem não nos fosse apresentada.

Nesse sentido, as imagens alucinantes, que estão em destaque logo no começo do filme, totalizam as referências de espiritualidade do estado. A difusão dessas representações retrata um estado visto pela miração, o estereótipo do Acre da Ayahuasca configurado no filme é um mecanismo que leva o espectador a uma falsa sensação de conhecimento do todo a partir de ayahuasqueiros demonstrados a partir do estereótipo exibido.

Estereótipos na linguagem das Representações Sociais

Dentro do discurso das representações sociais, podemos identificar os estereótipos como os recortes que “dizem” a realidade de forma simplificada, eles referem-se a algo ou a alguém por meio de uma descrição caricata. Segundo Albuquerque Júnior (2012), este tipo de representação é justamente aquela que marca alguém ou algum grupo preconceituosamente, pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um lugar, de uma cidade, de um estado, de uma região.

Neste sentido, “O Acre Existe” relaciona o estado com a Ayahuasca e se enquadra no que Albuquerque Junior (2012) chama de discurso da estereotipia, que tem como base o preconceito geográfico. “O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13).

Nessa perspectiva, representar também implica estereotipar, dizer quem o outro é, sem apresentar outras óticas, sem demonstrar outras abordagens. A estereotipia na linguagem das representações reduz o outro grupo de forma em que ele não pode ser enxergado com outras características ou atribuições; ele é apresentado sem nenhuma divergência, pois a estereotipia também é:

Uma fala em que as diferenças e multiplicidades são apagadas em nome da fabricação de uma unidade superficial, de uma semelhança sem profundidade. O estereótipo pretende dizer a verdade do outro em poucas linhas e desenhar seu perfil em poucos traços, retirando dele qualquer complexidade, qualquer dissonância, qualquer contradição. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13)

O costume religioso do estado é compreendido no filme sem problematizações. A repetição dos discursos espirituais dos Ayahuasqueiros atrelados às imagens de miração, imagens que demonstram os efeitos do consumo da Ayahuasca, exibem essa “realidade” no estado. Associa o território acreano ao consumo da bebida, pois “o estereotipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificadora e acrítica, levando uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou problematização”. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p. 13)

Entrevistados que representam o Acre da Ayahuasca

Em “O Acre Existe” identificamos acreanos e pessoas de outros estados com um aspecto em comum: o consumo religioso da bebida. O alcance pela espiritualidade une os sujeitos ao mesmo discurso, e a apropriação da imagem dos Ayahuasqueiros configura uma linguagem cinematográfica que representa o estado a partir deste estereótipo religioso.

A participação de Cícero França, artista popular acreano e um dos fundadores do grupo artístico Jabuti Bumbá⁷, agrega muitos aspectos de representação ao documentário, no que diz respeito à relação que ele tem com o chá da Ayahuasca. Neste viés, a atuação de Cícero também consolida a visão do Acre Ayahuasqueiro. Logo no início do filme, uma cena demonstra Cícero tocando um violão e entoando o cântico Caboclo da Floresta, que relaciona a Ayahuasca com o livramento do mal:

Sou caboclo da floresta, minhas penas são de Arara, o meu arco é de pupunha, minhas flechas de Taquara. O lugar aonde eu moro tem festejo natalino, a alegria que eu tenho só vem dos seres divinos, tenho força curandeira do meu mestre o beija flor. Foi a nossa mãe rainha que trouxe com todo amor, minha bebida caiçuma para todo o festival. Ayahuasca curandeira nos livrai de todo mal. (O ACRE EXISTE, 2013)

Cícero, por meio da música e dos relatos espirituais, enfatiza a forte ligação que tem com a utilização religiosa do chá. Durante o documentário, ele aparece quatro vezes

⁷ O Jabuti-Bumbá é uma manifestação artística contemporânea iniciada em 2005 na cidade de Rio Branco (AC), organizada por uma família acriana. O grupo tem como referência o Boi-bumbá do Maranhão, além, de ser um misto de outras manifestações culturais brasileiras e amazônicas, como a catira, cacuriá e a religião do Santo Daime. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anais17/txtcompletos/sem05/COLE_3836.pdf

narrando as sensações que uma pessoa tem quando toma a Ayahuasca: “Quando tu tiver no cipó, tu não esquece que tu tomou cipó, não vai pensar que você tá aqui não, porque não está, lá em cima é outra coisa”. (O ACRE EXISTE, 2013)

A atuação de Cícero no filme expõe constantemente falas espirituais, retratando o poder do consumo religioso da bebida:

Quando a gente entra em transe que sai desse mundo material para o mundo espiritual a gente pensa que, opa tô livre, vou respirar, não, não é assim não, aí você vai também conhecer o mundo que tem lá, porque do mesmo jeito que tem embaixo tem em cima. (O ACRE EXISTE, 2013)

Em outro momento do filme observamos a participação de Davi⁸, um personagem que aparece explicando como se dá a preparação do chá da Ayahuasca. “(...)o feitio, o trabalho é uma parte em que as mulheres catam as folhas, as jovens e as crianças, enquanto os homens têm o trabalho do Cipó da fornalha, um trabalho mais pesado, da lenha, do sacrifício”. (O ACRE EXISTE, 2013)

Zé Kleuber, cantor popular que está no estado há 38 anos, conta durante o documentário que tinha como interesse conhecer o Peru, porém em virtude de uma miração, recebeu comandos espirituais para ficar no Acre. Segundo o discurso dele, aqui era o lugar da Ayahuasca, cultura religiosa indígena que tanto buscava conhecer. A fala do cantor reforça a narrativa construída no filme, do Acre como fonte da Ayahuasca.

Os Incas, uns índios, uns nativos, me apareceram na miração e disseram: “Você não quer ir pra Cusco no Peru? Eu falei, quero. Você não quer conhecer a cultura Inca da Ayahuasca? Eu disse: quero. Então, eles disseram não precisa ir mais para o Peru, a Ayahuasca é aqui onde nós estamos, nesta floresta, no Acre.(O ACRE EXISTE, 2013)

O grafiteiro Tiago Tosh é um carioca que foi para o Acre principalmente por causa da religião do Santo Daime⁹. Segundo seu relato no filme, Tiago sofreu com a repreensão dos pais e amigos, antes de ir ao estado, mas para ele o que realmente importava era a nova visão que a religião Ayahuasqueira apresentava.

Não é uma coisa em vão, tá ligado, você vai à igreja, por exemplo, na católica, você reza e acha que tá tudo bem, pode ter todos os pecados do mundo mas tá sempre tudo bem. Lá no Daime não, tu não se engana nem ninguém se engana, quando você toma o Daime tu sabe de todas as paradas

⁸ Provavelmente ele é membro de alguma religião ayahuasqueira (essa informação não é apresentada no filme).

⁹ Religião brasileira ayahuasqueira, ver em LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. O uso ritual da ayahuasca. 2002, p.235.

que tu fez, os teus erros, coisa que só você sabe, que ninguém mais sabe tudo fica transparente parece como se fosse um espelho. (O ACRE EXISTE, 2013)

Neguinho e Seu Jorge também constroem a retratação do poder que a Ayahuasca tem de comandar a vida das pessoas no Acre. Em determinada cena, encontramos Seu Jorge recordando suas primeiras experiências com a bebida. Ele fala no filme que em uma das mirações que teve, viu um chapéu de palha e depois de onze anos está construindo ele (O ACRE EXISTE, 2013). Ou seja, o que ele viu no mundo espiritual está sendo materializado, sendo assim, o poder divino está sempre atrelado à vida “real” dos sujeitos que tomam a Ayahuasca, dos sujeitos que estão no Acre.

Neguinho é um personagem que aparece em cenários peculiares, com vestes humildes e pouco despreocupadas com o luxo. Uma das cenas mais curiosas do documentário é uma em que ele está em meio à floresta, sentado no tronco de uma árvore, cantando uma música da religião do Santo Daime que agradece a Deus, por estar em um lugar em que a Ayahuasca/Daime¹⁰ nunca irá faltar, pois onde ele está (Acre), o Daime (Ayahuasca) também está. “Graças um Deus, aonde eu estou tem Daime, graças um Deus Daime nunca me faltou. Sou uma árvore rosante em uma flor, graças um Deus aonde o Daime está estou”. (O ACRE EXISTE, 2013)

O Indígena Paulo também discursa a respeito das experiências que a Ayahuasca proporciona. O discurso dele enfatiza ainda mais o poder do Chá na vida de quem o consome de forma espirituosa. Paulo tem um grande destaque, pois sua aparição está fundida com as imagens que conotam a miração, enquanto também discursa sobre a experiência do chá.

Você vê um outro lado que não conhece em você, as vezes você até não se reconhece quando percebe já se transformou em outra coisa, você começa a valorizar tudo o que tem, você reconhece que poder tem o sol, que poder tem a lua, que poder tem as estrelas, que poder tem o vento, quando você entra na parte espiritual. (O ACRE EXISTE, 2013)

Relativizando a participação do indígena Paulo, podemos perceber grande contribuição dele para a difusão da representação religiosa do estado. Ele ritualiza o chá da Ayahuasca antes que os documentaristas o ingerissem, cena que embalada no canto indígena, apresenta abertura do filme, em que há a afirmação da existência do estado aparece estereotipada pelo consumo da Ayahuasca (O ACRE EXISTE, 2013).

Considerações Finais

¹⁰ Dentro da religião do Santo Daime, o chá da Ayahuasca também é reconhecido como Daime.

Por fazer parte do gênero documental, “O Acre Existe” é um produto cinematográfico que, como qualquer outra narrativa, constrói uma representação do que está sendo exibido. As imagens e a escolha dos participantes do documentário focalizam a utilização ritualística do chá da Ayahuasca.

Ressalta-se que os participantes ayahuasqueiros não foram escolhidos aleatoriamente, mas encaixados na narrativa do documentário, configurando o processo de montagem do filme. Nesse sentido, a ênfase dada aos discursos dessas pessoas caracteriza uma representação, um estereótipo.

Portanto, o estado do Acre é representado como um espaço geográfico marcado pelo uso ritualístico da bebida, seja por indígenas, seja por membros de religiões ayahuasqueiras, seja por pessoas de outros estados que estão na localidade (justamente pelo chá).

A reflexão consiste na percepção de como a representação do estereótipo religioso, que visa o estado do Acre como o lugar da Ayahuasca, compromete as noções que envolvem as variações religiosas existentes na região. Nesse sentido, há a necessidade de compreender “O Acre Existe” como um produto cinematográfico contribuinte para a apresentação e disseminação deste estereótipo.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2ª edição. Cortez. São Paulo. 2012.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, Brasil, v. 24, n. 55, 2010, Disponível em <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/44/8> Acesso em 12 jun.2015.

GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia (Social Representations and Ideology). **Revista de Ciências Humanas**, Brasil, n. 2, 2000. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24122/21517> , Acesso em 10 jun.2015

JODELET, Denise. Folie et représentations sociales. Paris: PUF, 1989. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

O ACRE EXISTE. Direção Bruno Graziano, Milton Leal, Paulo Silva Junior e Raoni Gruber. Estúdio 1+2. DVD (144 min), 2013.

OLSCHOWSKY, J. C. **Mulheres na Ciência: Representação ou Ficção**. 2007. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado, Escola de Comunicações e Artes da USP. São Paulo, 2007.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PUCCINI, S. J. Introdução ao roteiro de documentário. **Revista Digital de Cinema Documentário**, n. 6, 2009 Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_serjio_puccini.pdf Acesso em 15 jun.2015.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, 2000.

SOARES, S J. P. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. 2007. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

LABATE, Beatriz Caiuby; ARAÚJO, Wladimir Sena. **O uso ritual da Ayahuasca**. Campinas, SP: FAPESP/Editora Mercado de Letras. 2002.